

O Moedor de Horas e a Dignidade do Suor — As Estações da Alma (2016)

Por Cristiano Ricardo · Publicado em 18/11/2016

A rotina dos primeiros trens das quatro da manhã; as mãos anônimas que sustentam o país enquanto os discursos corporativos celebram miragens. Uma crônica sensível e profunda por Cristiano Ricardo sobre trabalho e dignidade humana.

Versão online e eventuais atualizações:

<https://cristianoricardo.com/post/o-moedor-de-horas-e-a-dignidade-do-suor-2016-11-18>

Crônicas sobre a Vida · Trabalho e Dignidade Humana · 2016

A rotina dos primeiros trens das quatro da manhã; as mãos anônimas que sustentam o país enquanto os discursos corporativos celebram miragens. Uma crônica sensível e profunda por Cristiano Ricardo sobre trabalho e dignidade humana.

Crônicas sobre a Vida

Trabalho e Dignidade Humana

A grandeza de uma civilização não se mede pelo brilho de suas torres de vidr...

Cristiano Ricardo · Escritor, Cronista & Pensador do Cotidiano

Quem nunca esteve na plataforma de uma estação suburbana às quatro e meia da manhã não conhece a verdadeira espinha dorsal do Brasil. Ali não há ternos alinhados nem termos em inglês para designar metas e sinergias; há rostos lavados às pressas, marmitas de alumínio guardadas em sacolas plásticas e olhos que ainda conservam o peso de um sono interrompido antes do amanhecer.

O trabalho, no imaginário dos manuais de autoajuda corporativa, é vendido como 'paixão' e 'realização pessoal'. Para a esmagadora maioria, porém, o labor diário é um pacto de sobrevivência: entrega-se a força dos músculos, a acuidade dos olhos e as melhores horas da juventude em troca de um salário que quase nunca alcança o fim do mês. É uma conta injusta e cruel que a sociedade insiste em naturalizar.

No entanto, há uma dignidade inatacável no homem que assenta o tijolo aprumado, na mulher que esfrega o chão do hospital para mantê-lo livre de infecções, no motorista que atravessa o trânsito infernal mantendo a vida dos passageiros a salvo. Esses trabalhadores não precisam de palestras motivacionais vazias; precisam de salários justos, transporte decente, descanso semanal remunerado e o reconhecimento elementar de sua humanidade.

Quando a noite cai e as luzes dos escritórios suntuosos se apagam, a cidade só permanece de pé porque as mãos invisíveis do trabalho limpam as calçadas, consertaram a fiação e abasteceram as feiras. Toda riqueza que não reconhece o suor do operário é uma ladroagem

disfarçada de progresso.

“A grandeza de uma civilização não se mede pelo brilho de suas torres de vidro, mas pelo respeito e justiça devidos a quem coloca tijolo sobre tijolo.”

— Cristiano Ricardo, em reflexão sobre trabalho e dignidade humana

Olhar para trás e reconhecer cada curva dessa estrada não é um exercício de nostalgia vazia, mas um ato sagrado de reconciliação com a própria história. Que possamos atravessar os dias que ainda virão com o coração desarmado, prontos para lutar pelo que é justo, acolher os que sofrem e celebrar a graça imensa de estar vivos e lúcidos sob a claridade deste céu.

Cristiano Ricardo

Escritor, Cronista & Pensador do Cotidiano · Publicado em 18/11/2016 às 02:42

Rede CR · Ensaio & Literatura